

ISSN 0104-1886

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
CADERNOS DO I.L.
Nº 21 - 22

DEZEMBRO DE 1999



Impresso em abril de 2002

UFRGS
BIBLIOTECA SETORIAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES

O profissional de Letras Clássicas e sua identidade na promoção repensada do humanismo antigo

Denis Schell*

RESUMO: *Os estudos clássicos de Língua e de Literatura Gregas no Instituto de Letras. O profissional de Letras Clássicas, como tradutor e professor de literatura. Valores significativos da cultura do homem antigo na literatura e no pensamento gregos. Retomadas do pensamento antigo na modernidade e novas concepções do homem. Philanthropia, humanitas, humanidade, como valores de melhoria da vida de relação.*

PALAVRAS-CHAVE: *O profissional de Letras Clássicas e língua e literatura gregas. Concepções do homem antigo e fases da literatura grega. Humanismo antigo e modernidade.*

Para a abordagem desse tema, é importante que façamos as seguintes considerações preliminares a respeito da língua e da literatura gregas.

A primeira diz com os objetivos, a metodologia e os conteúdos dos estudos clássicos – da Língua Grega em sentido particular – na formação do profissional de Letras. Desse ponto de vista, a abordagem dos conteúdos parte de uma programação estabelecida em sete semestres, buscando inicialmente um conhecimento básico da estrutura e do funcionamento da língua grega, de modo orgânico, através de estudos simultâneos da morfologia, da semântica e da sintaxe. Portanto, há uma gradação, no trato dos conteúdos programáticos, de planos mais simples para mais complexos, a partir de textos fundamentais da cultura grega. Esse tratamento diz com a valorização cultural de textos gregos significativos de literatura, teatro, pensamento, história e experiência social, vale dizer, político-jurídica e religiosa. Uma metodologia à maneira do proposto pela Escola Francesa, desde as contribuições de um Louis Gernet até as de um Jean-Pierre Vernant,

* Professor do Setor de Grego do DECLAVE, Instituto de Letras, UFRGS.

perpassa basicamente esses estudos. O Curso de Língua Grega desenvolve-se assim a partir de unidades lingüístico-culturais através de uma intertextualidade. Salientamos a importância de uma atitude crítica nessas abordagens, isto é, o valor de comentários e de exposições sobre as unidades propostas, de reflexões e de pesquisa.

Nesse tratamento de objetivos, conteúdos programáticos e metodológicos que envolvem os estudos de língua grega, cumpre que salientemos pontos marcantes da Declaração da Associação dos Classicistas Alemães (Deutscher Altphilologen-Verband), elaborada nas últimas décadas e publicada na Revista *Gymnasium*, de Heildelberg (v. 78, fasc. 4, 1971, p. 271-3). Essa Declaração diz com a finalidade do ensino das línguas clássicas, destinada a servir de base à estruturação de um programa didático moderno dos conteúdos dessa área.

Entre os pontos importantes que a Declaração acentua, encontram-se, nos Estudos de Letras Clássicas:

- o exercício de saber falar e pensar, desenvolvendo a capacidade de expressão e de interpretação;
- a abertura de caminhos para importantes domínios do mundo espiritual e social;
- o despertar da consciência histórica, facilitando a orientação na atualidade;
- a possibilidade de incrementar o pensamento autônomo, criador, contribuindo para o surgimento de forças próprias do homem.

Cumpre notarmos que a referida Declaração dos Classicistas Alemães sublinha que "(...) no centro de uma formação humanística, uma língua não é somente um meio de comunicação verbal direto, mas também um sistema de abstrações, um instrumento de apreensão e de explicação do mundo".

A leitura interpretativa de textos originais importantes confronta o leitor moderno com experiências da vida e do mundo clássicos. Nesse aspecto, conforme a Declaração, trata-se de

- experiências e idéias históricas, políticas e sociais;
- problemas e conhecimentos científicos;
- especulações, sistemas e métodos filosóficos;
- explicações poéticas e situações humanas.

Uma segunda consideração nossa diz com os Estudos de Literatura Grega, desenvolvidos em quatro semestres abrangendo a *epopéia*, a *lírica*, o *teatro*, e o *pensamento político e social*, respectivamente.

Vejam apenas alguns valores marcantes da cultura do homem grego antigo, centrados em seus aspectos do *epos* homérico, do lirismo, do pensamento e

do drama em sua problemática.

Os estudos da *epopéia grega* partem da leitura de textos da *Iliada* e da *Odisséia*, considerados a transliteração de termos (para alunos que desconhecem a língua), concepções gregas e elementos da ficção artística (narração, descrição e tempo literários). Estudos são realizados sobre *mythos*, *epos*, linguagem, sonho, herói e conceito de epopéia. Surge então a possibilidade de abertura de caminhos para a compreensão de concepções do homem e da divindade, de visões dos mitos como símbolos do inconsciente. Há o tratamento também da evolução do *epos* ao romance.

O homem é visto como uma reunião de órgãos, sendo cada um, uma função. Esse homem homérico é a soma dos seus membros. Sabemos bem que o *ego* não era então compreendido, como na visão freudiana, como um *ego* corpóreo. *Soma* é o corpo caído, o cadáver, e *psyké* é alento, sopro, força vital, simulacro do homem quando ele morre e vai para o *Hades*, o reino do Invisível. Richard Gaskin ("Do homeric heroes make real decisions?" *Classical Quarterly Oxford*, 40: 1-15, 1990) faz correções sobre a concepção homérica do homem proposta por Bruno Snell (*A descoberta do espírito*. Trad. Artur Morão. Lisboa/Rio de Janeiro: Ed. 70, p.44 et. Seq.). Snell defende, diz Gaskin, que Homero não possui uma palavra para o indivíduo e, desde que assim se passa, segue-se, então, que a coisa não existe. Mas se Homero não tem uma palavra para dizer o ser, ele pensa suas personagens como seres vivos, agentes unitários. Snell se apóia no método lexical, segundo o que, se uma cultura não possui uma palavra para uma coisa, não reconhece então a existência da coisa. E Gaskin mostra bem que, em alguns dos seus usos, palavras como *nóos* e *thymós*, que se referem às dimensões intelectual e emocional do homem, apresentam um conceito esquemático do ser; elas assim funcionam por seus modos próprios, diversos e detectáveis. Portanto, o mundo de Homero contém indivíduos (Gaskin, R., op. cit., p.5). A epopéia trata as personagens segundo o modo de se comportarem, não o seu modo de ser, porque, nessa fase de cultura, o que é prevalente é a aparência. O herói nobre busca a honra, a fama, a glória, servindo de exemplo para as gerações posteriores. É a função educadora do mito. O êxito ou a censura são reconhecidos pela comunidade. Por isso, o homem não está só; ele está diante de um outro, seja um deus, seja um herói igual a ele. Enquanto o homem heróico age, o que conta é o seu ato, não a sua intenção. Esse ato há de estar em harmonia com o código ético-religioso dessa nobreza guerreira. Manifesta-se então a responsabilidade do agente.

A narrativa épica, na sua objetividade, presentifica o passado. Mas, na *Odisséia*, o herói da *métis*, da astúcia, passa a ser o narrador de si mesmo. Ouve-se a astúcia por si mesma. A subjetividade de Ulisses se desdobra no mundo que a suporta e a constitui. O narrador é a própria subjetividade se dizendo no mundo e dizendo o mundo.

Já quanto aos estudos da *lírica grega*, eles abordam concepções poéticas

da passagem da palavra mágico-religiosa para a palavra dialógica, no surgimento da *pólis*, na virada do século VII para VI. Também aqui são destacados os estudos da passagem da evolução da lírica grega para a latina e a moderna.

É no lirismo que se afinam as preocupações de mudança que o homem grego experimenta em sua vida. Os poetas dizem os seus nomes, falam de si mesmos, dão-se a conhecer como indivíduos. Manifesta-se o despertar da personalidade.

Na vida pública, novas práticas institucionais vão criando um processo de laicização das formas de pensamento (Detienne, Marcel. *Les maîtres de vérité dans la Grèce archaïque*. Paris: Maspero, 1973, p.81-103). Nessa linha de indagações, esse processo ocorre em diversos níveis através de elaborações da retórica, da filosofia, do direito e da história. A palavra – diálogo passa a ser um instrumento valioso das relações sociais, suplantando a palavra mágico-religiosa, adequada ao sistema antigo do pensamento e da compreensão do homem. A palavra-diálogo vai determinar o surgimento “(...) de um mundo autônomo da palavra e de uma reflexão da linguagem como instrumento” (Detienne, M., op. cit., loc. cit.). Daí virá a arte do político, do orador, do mestre de retórica.

Para as novas experiências ético-religiosas desse homem muito contribuiu Delfos com o estatuído no dintel do seu templo: “Conhece-te a ti mesmo”, colocando, para o homem, a busca da compreensão de sua própria realidade no centro de tudo.

Nos estudos do *teatro antigo*, tragédia e comédia, são básicas leituras de textos com a importância assinalada de transliterações de termos (para os que não têm contato com a língua grega) e da abordagem nova de mitos, de heróis, da ação humana e dos valores divinos nas tensões do trágico e do patético. Do tratamento do drama também partimos para acentuar o trágico antigo em confronto com o moderno. A tragédia, criação do espírito ateniense, questiona os mitos heróicos, nesse distanciamento do passado, com os novos valores da cidade no século V. Daí a problemática da ação humana com as dimensões novas da responsabilidade, como fundamentais à tragédia. Levantam-se indagações sobre o homem e o seu destino. Desenvolve-se também uma valorização da Comédia Antiga (*mythos*) e da Comédia Nova (*lógos*). Leituras e reflexões sobre textos dramáticos, isto é, comentários complementam esses estudos, em línguas estrangeiras como inglês, alemão, francês, italiano e espanhol, conforme a formação do aluno, pela carência desses elementos em língua portuguesa.

O profissional de Letras Clássicas, em sua atividade, como temos visto, com base em textos originais significativos ou transliterados, manifesta-se como tradutor e como professor de literatura de modo integrado. E, como exemplo dessa atuação realizada de forma conjugada, trazemos passagens de texto trágico de Ésquilo, de *As Suplicantes*. Vemos, inicialmente, nessa tragédia, que as filhas de Dânao chegam em Argos, perseguidas pelos filhos de Egito. Elas, como

suplicantes, pedem proteção ao rei Pelasgo. Há o direito de hospitalidade de que Zeus é o patrono e Pelasgo, para observar esse direito, deve receber as suplicantes. Por outro lado, se o rei acolher as jovens, irá expor-se a uma guerra com os filhos de Egito. O dilema é claro com as suas conseqüências desastrosas para a comunidade (Rivier, André. “Remarques sur ‘le necessaire’ et la nécessité’ chez Eschyle”. *Revue des Études Grecques*, 81: p. 17 et seq., 1968). O comentarista acentua que essas conseqüências são assinaladas pela mesma palavra *Bary* (pesado, insuportável), duas vezes repetida na primeira *sticomythia* (v.v. 341 e 346).

v. 341: O Rei:
Baréa sù g' eipas, pólemom
áarasthai néon:
Coisas insuportáveis tu dizes;
Podem desencadear uma nova
guerra.

v. 346: O Corifeu:
Barys ge méntoi Zenòs Ikesiou Kótos:
Insuportável, por certo, igualmente,
É a cólera de Zeus Suplicante

Nesse diálogo entre o coro e o rei, os termos da alternativa mostram um equilíbrio a partir do *peso*, como ponto fulcral, a levar ao trágico.

Se formos examinar traduções desses versos, para várias línguas, veremos que um Paul Mazon (*Les Belles Lettres*) é dos raros, se não o único, talvez, a observar o paralelismo da situação de dilema que assinalamos. E assim mesmo ele traduz a intolerabilidade, a insuportabilidade da situação (*baréa-barýs*) por terrível... Na mesma linha, apoiando-se em Mazon, coloca-se Francisco Saramanch (Aguilar), traduzindo *baréa-barýs* por *coisas terríveis-terrível*.

Em avalanches de traduções aparecem impropriedades, responsáveis pela não observância da construção que arma o dilema trágico. Por exemplo, não existe a visão do *mesmo peso* para marcar o dilema. Traduções existem como a da Ed. Inquérito (Lisboa), onde a díade fundamental fica reduzida a “*é perigoso – terrível*”. Também na tradução portuguesa da Ed. Estampa (Lisboa), o tradutor propõe “*grave – terrível*”. Ora, dessa, forma, grave e terrível fica sendo a caminhada para a compreensão do próprio trágico na peça.

Assim, tradutor e professor de literatura, de modo coordenado, se inclinam diante do texto clássico original. Um não perderá de vista as concepções genuínas da cultura antiga; outro haverá de refletir primeiro sobre estruturas de linguagem originais. Ambos haverão de promover, de modo repensado, atualizado, o humanismo clássico em cada fase da História.

Retomando nosso tratamento da seriação de estudos clássicos, acentuam-se formas gregas de pensamento e de literatura. O valor da poesia, o surgimento da prosa no pensamento filosófico e a evolução e retomadas significativas de formas gregas de literatura e de pensamento na Literatura Ocidental constituem pontos importantes de consideração e de abordagem.

Com Heráclito já se desenvolve a prosa com um tom poético. Em suas

concepções plenas de desmitificação, o homem consiste em corpo e alma. (Frag. 45). E esta é algo de ilimitado. Com Platão surge o diálogo e ele concebe o mundo inteligível das idéias, diverso do mundo sensível dos entes mutáveis e particulares. Na visão inter-relacionadora do homem e da *pólis*, o que é bom para o indivíduo é bom para a *pólis*; o que é bom para a *pólis* é bom para o indivíduo. Na *República*, Platão estabelece uma constituição para o Estado, correspondente à realidade do indivíduo. E ao pensar a justiça de modo concreto, ele vê que a justiça em si, é o mesmo na cidade e no indivíduo. No diálogo, para Sócrates, está a verdade. Sabemos também da importância do diálogo platônico para as concepções da modernidade de Mikhail Bakhtine e Walter Benjamin.

Para o grego, o homem, em sua inteireza, vive num mundo ordenado em que encontra sentido. O homem homérico e a cidade homérica estão centrados no indivíduo dentro de um grupo e, a partir da virada do séc. VII para VI, o homem não se separa do cidadão. Mas chegarão à derrocada da *pólis* e dos seus valores, a voz de Eurípides e o *Helenismo*, com a *Comédia Nova* de Menandro e as novas concepções do indivíduo.

Como bem mostra Mikail Bakhtine (*La poétique de Dostoievski*, Paris: Seuil, 1970, p. 163 et passim) a menipéia (séc. III) traz à luz novas categorias artísticas com devaneios, sonhos, loucuras que destroem a unidade épica e trágica do homem e de seu destino. Com a menipéia vem a experimentação moral e psicológica, isto é, a importância dos estados psíquicos “anormais”, como desdobramento da personalidade, devaneios, patologias, suicídios. A personalidade agora em seu não acabamento, não coincidindo consigo mesma, “perde o seu monismo” (Id., *ibid.*, loc. cit.).

Os sonhos, de proféticos, passam a ser compreendidos como caminho para o inconsciente e, já em nosso tempo, a linguagem, para Lacan, constitui o sujeito. E este, em psicanálise, é o sujeito do desejo, “e o que um significante representa para outro significante”, na visão lacaniana.

Por sua vez, se o pensamento antigo afirmava que a verdade consistia na adequação da inteligência às coisas, Heidegger acreditou descobrir a verdade primária nas origens do pensamento ocidental sob a forma de desvelamento. “A verdade não diz respeito a uma proposição que um sujeito enuncia sobre um objeto, mas sim a esse desvelamento (alétheia) do ente, graças ao qual se realiza uma abertura. É essa abertura que funda o homem enquanto tal. Garcia-Roza. Luiz Alfredo. *Palavra e verdade: na filosofia antiga e na psicanálise*. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.14).

Além dessas retomadas do pensamento antigo na modernidade e de novas concepções do homem, cumpre salientarmos elementos da cultura grega, importantes para uma compreensão evolutiva do que seja valor humano na atividade de cada um, na vida de relação.

Nas cidades gregas, as leis buscavam que fossem evitados a violência e

abusos na vida dos cidadãos. Uma atmosfera de vida civilizada era assim garantida. As leis escritas eram fundamentais para o direito de todos. Jacqueline de Romilly (*La douceur dans la pensée grecque*. Paris: Les Belles Lettres, 1979, p.32 et seq.), mostra que nos séculos V e IV a. C. uma abundância de textos recrimina a violência como expressão da vida selvagem e exalta o triunfo mesmo do que se compreenderia mais tarde pelo sentido do termo *humanidade*. Se a justiça foi o valor alto a ocupar as preocupações dos homens na cidade, a mansidão, a indulgência, o perdão, a compreensão, a *philanthropia* (mais tarde *humanitas*, senso de humanidade), tornar-se-ão virtudes reconhecidas somente no momento em que se enfraquecerão os laços cívicos e o sentido da cidade (Romilly, J. de, op. cit., p.36). As virtudes assinaladas acima vão aparecer no vocabulário da língua e da cultura gregas, de maneira tardia e progressiva. “(Id. *ibid.*).

Na época clássica, os adjetivos *praos*, *philanthrôpos* e *épieikês* designavam a mansidão ou noções aparentadas, além das palavras para *indulgência* e *perdão*. Os termos *praos* e *philanthrôpos* não aparecem na epopéia homérica e *épieikês* tem aí um sentido diferente: ligado à raiz de *éoiika*, significava *semelhante*. Desse sentido, passa àquele de *conveniente*, *apropriado*, em Homero. O sentido, aos poucos vai se desdobrando às margens da noção de justiça, para completá-la. Assim estaria destinado o termo para designar a *equidade*, a verdadeira justiça, em sua moderação, de maneira oposta à rígida aplicação de uma regra.

Pierre Chantraine estuda muitos exemplos clássicos em que *praos* se opõe à selvageria e à violência (Chantraine, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque. Histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 1980, p.933-4).

Já a expressão *amar os homens* parece que vem, de início, de um plano exterior, de um plano divino, como pondera Romilly (op. cit., p. 45). Nesse sentido, são apontados exemplos: um, no *Prometeu Acorrentado*, de Ésquilo, onde Hefesto se refere à atitude de Prometeu relativamente aos homens: (...) representar o benfeitor dos homens (tou phylanthrôpou trôpou (cf. P. Mazon); outro, na *Paz*, de Aristófanes, quando o coro se dirige a Hermes, para comovê-lo: “Sê gentil, tu, o mais liberal dos deuses: v.v. 392-394 (o *philanthropôtate kai megalodorótate daimónon*). Também são apontados exemplos dessa *philanthropia* divina, em Platão (*Banquete*, 189 b e *Leis* 713 d). No entanto, se exemplos são apontados, não de forma corrente e relativamente a homens, é a partir do século IV que o termo vai aparecer com frequência.

Como a *praotês*, mansidão, a *philanthropia* aparece no domínio político, marcando a atitude de cidadãos relativamente à coletividade. Textos de Demóstenes (Coroa, 112): os soberanos devem dar provas dessa virtude em relação a seus súditos. Também em Isócrates (*Nicocles*, 15; *Evágoras*, 43).

Na *Ética a Nicômaco* (VIII, 1155 a 16 et. seq.), Aristoteles fala dos laços de amizade que ligam os homens, uma amizade natural, como a de um indivíduo

na espécie humana”. “Por isso louvamos os homens *philanthropoi*, os que são bons para os outros”, diz o pensador.

Já no *Dyscolos*, de Menandro, peça representada em torno de 317 a. C., vemos uma personagem, Cnêmon, “um homem cheio de aversão para a sociedade dos homens, rude para com todos, não amando a multidão”. Cnêmon é um humano não muito humano (*apánthropos tis ánthropos sfodra*).

Nos propósitos de personagens como Cnêmon, Górgias e Sóstrato, a noção de solidariedade humana triunfa no fim da peça. Ela se apresenta, no entanto, de forma limitada e puramente utilitária: devemos ser bons para os outros porque podemos precisar deles, conforme comenta Jacqueline de Romilly (op. cit. p. 205). A comentarista salienta que isso não nos deve surpreender, porque assim também vemos em Isócrates, em Demóstenes e em Aristóteles: “A virtude grega, apesar dos esforços de Platão, é sempre defendida por argumentos de interesse”. Contudo, no *Dyscolos*, ela é desinteressada: numa personagem como Górgias, essa virtude tende a ser apreciada como tal, ultrapassando o nível dos argumentos.

O termo *philanthropia*, portanto, aflora a partir do IV séc. a. C., indicando, nas relações com o próximo, a benevolência, a cortesia, a condescendência. Observa bem Max Pohlenz (*L'uomo greco*. Trad. Beniamino Proto, Firenze: La Nuova Italia. 1976, p. 856-7) que, se os gregos, em essência, só pensavam no conjunto dos próprios nacionais, o conceito de humanidade só podia delinear-se quando o encontro com uma outra nação levasse a pensar que os diferentes ideais nacionais tivessem o seu fundamento espiritual comum numa disposição presente em todos os homens.

Foi o *Helenismo* que proporcionou uma evolução para esse alargamento da concepção de humanidade: no plano prático, houve a mistura de povos de diversas culturas e, no plano teórico, o reconhecimento da igual dignidade de todos os homens (Id., *ibid.*, loc. cit.).

Já em *As Troianas*, de Eurípidés, autor caro à Comédia Nova, do *Helenismo*, vemos que o dramaturgo está a mostrar uma responsabilidade humana individual, afastando uma responsabilidade coletiva, nos desastres humanos. Eurípidés está também a mostrar que perdas, luto e sofrimento são restos da degradação humana, originada nos desvarios que levam a guerras. Aí todos se igualam – gregos e bárbaros – porque a natureza humana é a mesma em todos. Mas há um valor – a *sophrosyne* – que é afirmada e ela reside na *phýsis*, como essencialmente natural, tal como aparece em *Hipólito* (v.v. 79-80) e *Bacantes* (v.v. 315-316).

Bruno Snell (*A descoberta do espírito*, p.326 et seq.) aponta para a obra de Isócrates, onde este exorta os atenienses a adquirirem o domínio da palavra pela educação (*paideia*): Por terem uma melhor educação para pensar e para falar, os atenienses se distinguem dos demais, naquilo em que os homens se distinguem dos animais e os gregos dos bárbaros. Snell (op.cit., p332) aponta igualmente para o

fato de Isócrates recomendar a Felipe a *philanthropia*, junto com a benevolência (*eúnoia* 5, 114) e a mansidão (*praotès*, 5, 116). Os termos benevolência, mansidão e compreensão vão se introduzindo nos conceitos jurídicos, mas *philanthropia*, que não é um termo jurídico, passa a ser o conceito englobante a designar essa nova *humanidade* que os romanos designarão com o termo *humanitas*. “O humano”, a capacidade de falar e a educação – eis a *humanidade* também para Cícero que foi buscar diretamente esse conceito a Isócrates e o transmitiu a Petrarca (Id.*ibid.*, p.327).

Para o profissional contemporâneo de Letras Clássicas – em sua identidade como tradutor e professor de literatura – repensar esse humanismo antigo significa procurar descobrir com as novas e marcantes concepções do homem e do mundo, novos caminhos de sabedoria para melhorar a vida humana em si no âmbito social.

Os estudos clássicos muito contribuem, portanto, para a formação e para a complementação dos futuros profissionais de letras e de outras áreas do saber na Universidade, como as científicas (por exemplo, Biologia, Botânica, Química, História Natural, *lato sensu*) e as humanísticas (por exemplo, História, Psicologia, Filosofia, Teologia). Nesse sentido, podemos dizer, os estudos clássicos constituem um centro de complementaridade de concepções e de ideais do homem antigo, o que, a nosso ver, deve ser hoje, na Universidade, um ponto de partida para a interdisciplinaridade na atividade da Docência, como também da Pesquisa e da Extensão.

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTINE, Mikail. *La poétique de Dostoievski*. Paris: Seuil, 1970.
- CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque. Histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 1950.
- DETIENNE, Marcel. *Les maîtres de vérité dans la Grèce archaïque*. Paris: Maspero, 1973.
- GARCIA-ROZA, Luís Alfredo. *Palavra e verdade: na filosofia antiga e na psicanálise*. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahor, 1998.
- GASKIN, Richard. *Do homeric heroes make real decisions? Classical Quarterly*. Oxford: 40, 1990.
- RIVIER, André. “Remarques sur ‘le nécessaire’ et ‘la nécessité’ chez Eschyle”. *Revue des Études Grecques*. Paris, 81, 1968.
- SNELL, Bruno. *A descoberta do espírito*. Trad. Artur Morão. Rio de Janeiro: Ed. 70, 1992.

ROMILLY, Jacqueline de. *La douceur dans la pensée grecque*. Paris: Les Belles Lettres, 1979.

POHLENZ, Max. *L'uomo greco*. Trad. Beniamino Proto, Firenze: La Nuova Italia, 1976.

Estesia e preconceito: a recepção das vanguardas literárias européias no *Correio do Povo*, no período 1922-1937

Dilamar Paulo Jahn*

Resume: *Ce travail a été développé dans le cadre du projet de recherche La réception des avant-gardes littéraires européennes dans la presse de Porto Alegre (1900-1949). L'objectif consiste à étudier comment, dans la période en question, la presse de Porto Alegre a perçu, accueilli et enregistré, ou non, l'existence des avant-gardes littéraires et artistiques européennes. En 1998 et 1999, durant la première étape de la recherche, nous avons analysé la période 1900-1921. Dans cet article, nous présentons quelques résultats partiels de l'analyse et de l'interprétation des données recueillies dans le journal Correio do Povo entre 1922 et 1937.*

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projeto de pesquisa *A recepção das vanguardas literárias européias na imprensa de Porto Alegre (1900-1949)*. O projeto tem o objetivo de investigar de que maneira, no referido período, a imprensa porto-alegrense percebeu, acolheu e registrou, ou não, a existência das vanguardas literárias e artísticas européias. Nos anos de 1998 e 1999, primeira etapa da pesquisa, analisamos o período 1900-1921. Agora, no presente artigo, apresentamos alguns resultados parciais da análise e interpretação dos dados colhidos no jornal *Correio do Povo* no período 1922-1937.

1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O PERÍODO¹

Nas primeiras décadas do século XX, houve na Europa a eclosão de movimentos artísticos e poéticos que, entre outras coisas, partindo de um descontentamento com as formas literárias e artísticas então hegemônicas, formas

* Aluno de Licenciatura do Instituto de Letras/UFRGS e bolsista PIBIC-CNPq. Este artigo foi elaborado sob a orientação do Prof. Robert Ponge, responsável pelo projeto de pesquisa.

¹ Em todas as citações de textos e/ou trechos de artigos do *Correio do Povo* (CP), mantivemos a ortografia original, bem como os erros tipográficos.